

Documentação

Fonte: GM (Nacional)

Data: 21/8/2001 Pg: AS

Class.: 36

■ NACIONAL

# Quase pronta a formatação para usina Belo Monte

Previsão de retorno compatível com investimentos é o diferencial do projeto, cujos porte e prazo superam os das obras emergenciais

Maurício Corrêa  
de Brasília

Prevista para entrar em operação comercial, ainda esta década, a usina de Belo Monte, no rio Xingu, no Pará, será a maior hidrelétrica inteiramente nacional, com 11 mil megawatts (MW) de capacidade instalada e investimentos de US\$ 6 bilhões para usina e linhas de transmissão. A primeira proposta de formatação do negócio será anunciada pelo governo nos próximos dias e, por enquanto, está definido apenas que será um empreendimento majoritário privado, no qual a Eletrobrás será acionista minoritário.

Apesar da grandiosidade do projeto, várias empresas já demonstraram interesse preliminar em participar do consórcio construtor, ao contrário de previsões pessimistas segundo as quais Belo Monte não seria atraente. Também ao contrário das obras emergenciais de que o País necessita e não encontram o nível de investimento privado esperado pelo governo, por uma série de razões, o mesmo não se ocorre no projeto. Trata-se de obra de porte, que exigirá tempo bem superior ao horizonte de curto prazo exigido pela atual crise energética e que assegurará um retorno compatível aos investidores que podem esperar.

As primeiras celeumas são do início da década passada, quando o empreendimento não se mostrava factível. De lá para cá mudou a percepção do empresariado quanto à usina. Além das mudanças introduzidas pelo próprio governo, diminuindo substancialmente o tamanho da área de alagamento e, por tabela, os impactos ambientais, a crise atual de energia reavivou o negócio.

O presidente da Eletronorte, José Antônio Muniz Lopes, afirmou a este jornal que já demonstraram interesse em participar do projeto de Belo Monte as empresas VBC Energia (grupos Votorantim, Bradesco e Camargo Corrêa), Companhia Vale do

Rio Doce (CVRD), Billiton Metais, Grupo Rede, Alstom e as construtoras Norberto Odebrecht e Andrade Gutierrez. "A Eletrobrás terá uma participação, mas não passa pela cabeça de ninguém no governo fazer de Belo Monte um empreendimento estatal", afirmou Muniz Lopes. "Será um projeto majoritariamente privado."

O presidente da Eletrobrás, Cláudio Ávila, informou que, até o final de outubro, a Eletronorte concluirá o relatório de impacto ambiental e o projeto técnico. "Agora, temos que dar um tratamento à modelagem para atrair os investidores. Trata-se de um projeto que tem a cara da parceria, pois Belo Monte não se esgota na construção de uma usina hidrelétrica. Afinal, com todos os seus desdobramentos socioeconômicos será indutor de um grande desenvolvimento na área de localização" (Altamira, Pará), disse.

Na sua avaliação, o projeto de Belo Monte é tão superlativo, em números, que "terá espaço para todo mundo". O presidente da Eletronorte disse que só a construção da usina deverá custar entre US\$ 3,4 bilhões e R\$ 4 bilhões. Mas os investidores precisarão colocar mais US\$ 3 bilhões no negócio, para estender as linhas de transmissão do Pará aos centros de consumo. A energia de Belo Monte se destinará principalmente ao Nordeste e ao Sudeste.

Com a falta de energia comendo a produção e os lucros dos grandes consumidores industriais de energia elétrica, é mais do que lógico que eles se interessem em participar do consórcio que construirá Belo Monte, segundo afirmou a este jornal o presidente da Billiton Metais, Sebastião Ribeiro.

Produtor de bauxita, alumina e alumínio na região Norte (Alumar, no Maranhão, em conjunto com a Alcoa) e no Sudeste (Valesul, com a CVRD), a Billiton (recentemente incorporada pela australiana BHP) está deixando de produzir 25 mil tonela-

das em 2001 por conta do racionamento. A empresa integra o grupo que tem 25% de cota de redução de consumo. "Estamos sofrendo na carne", disse Ribeiro, reconhecendo que a Billiton está à procura de negócios de longo prazo, que possam viabilizar seus empreendimentos no Brasil e afastar em definitivo qualquer outro tipo de crise energética.

"Nosso interesse em Belo Monte obviamente é preliminar, pois as regras do jogo ainda não são conhecidas", disse. "Mas se houver viabilidade econômica, de exploração correta do meio ambiente e de logística, queremos fazer parte do grupo de empreendedores", ressaltou.

A CVRD já está presente em oito projetos de energia elétrica, numa posição acionária média de 46%. Essas usinas têm capacidade instalada projetada de 2,3 mil MW.

A Vale também é um consumidor intensivo, em consequência das suas

posições acionárias em empresas de bauxita, alumina e alumínio: Aluvale, Alunorte, Albrás e Valesul.

Por isso, especialistas no assunto avaliam que a empresa teria fôlego, inclusive, para liderar um consórcio visando à construção de Belo Monte.

Cada grupo interessado na usina de Belo Monte tem um interesse específico: a Alstom é um dos maiores fornecedores de equipamentos para hidrelétricas do mundo, a VBC impôs um nome de prestígio, em poucos anos, como distribuidor e gerador, na condição de controlador da CPFL, Bandeirante, RGE e Serra da Mesa. Os grandes grupos de construtoras, Odebrecht e a Andrade Gutierrez, têm tradição como



Cláudio Ávila

barrageiros, enquanto o Grupo Rede controla a Celpa, no Pará, e a Celtins, em Tocantins, ambas instaladas na zona de influência da futura usina.

José Antônio Muniz Lopes, da Eletronorte, disse que o governo ainda não definiu como o projeto de Belo Monte será licitado. Uma das hipóteses é seguir o rito nor-

mal na Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) — que simplesmente a colocaria em licitação e ponto final.

Ele lembra, entretanto, que Belo Monte não é um aproveitamento hidrológico qualquer. "Estamos falando de um projeto de características excepcionais", disse. Assim, é possível que a Aneel possa tomar qual-

quer decisão específica para Belo Monte, formatando um modelo próprio de licitação.

A usina binacional de Itaipu, no rio Paraná (PR), divisa com o Paraguai, com seus 12,6 mil MW de potência instalada — e mais 1,4 mil em instalação —, é a maior usina da América do Sul, mas Belo Monte, quando construída, será a maior de propriedade totalmente brasileira.

Além dos 11 mil MW da potência projetada — serão 20 máquinas com capacidade de 550 MW cada — na casa de força principal, Muniz Lopes explicou que, nos últimos dias, a Eletronorte fez alterações no projeto técnico, incorporando 156 MW, na forma de 12 máquinas de 13 MW cada, que serão instaladas numa casa de força auxiliar a ser construída junto ao vertedouro. "Por uma questão de equilíbrio ambiental, vamos liberar muita água, que também será aproveitada para geração."